

Multimodalidade nas práticas sociais de crianças autistas no processo de aquisição da linguagem*

Multimodality in social practices of autistic children during their language acquisition process

Ádelly Kalyne da Silva OLIVEIRA (UNICAP)
adellykalyne@gmail.com

Renata Fonseca Lima da FONTE (UNICAP)
renata.fonte@unicap.br

Recebido em: 31 de ago. de 2022.
Aceito em: 15 de nov. de 2022.

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001.

OLIVEIRA, Ádelly Kalyne da Silva; FONTE, Renata Fonseca Lima da. Multimodalidade nas práticas sociais de crianças autistas no processo de aquisição da linguagem. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 12, n. 3, e2552, p. 374-397, set.-dez./2022. DOI: 10.22168/2237-6321-32552.

Resumo: A abordagem multimodal torna-se um campo fecundo para desenvolvimento de estudos que englobam a interlocução entre os modos semióticos e as novas configurações nas práticas sociais. Nesse sentido, os gestos, o discurso oral e o olhar são exemplos de elementos expressivos e multimodais. O objetivo deste artigo foi analisar, por meio da multimodalidade, as produções gestuais realizadas por crianças autistas, no processo de aquisição da linguagem, nas práticas sociais. Especificamente, pretendemos descrever os gestos produzidos por crianças autistas em cenas interativas, identificando a relação entre gestos e produção vocal de crianças autistas em contextos diversificados de interação. Assim, consideramos os trabalhos de McNeill (1992, 2002, 2006), Kendon (1988, 2000, 2004), Cavalcante (2012, 2018), Barros e Fonte (2016), Cruz (2018), Fonte e Barros (2019), Fonte e Silva (2019) para fundamentação teórica. A pesquisa é um estudo de natureza qualitativa, tomamos como objeto de análise cenas interativas empreendidas por crianças autistas em interação com diferentes parceiros sociais em um grupo de acolhimento de uma instituição comunitária de ensino. Para transcrição

dos dados, utilizamos o software intitulado *Eudico Language Annotator*. A partir da transcrição, foram realizadas as análises das cenas interativas e observamos também a orquestração de diferentes recursos semióticos no enunciado linguístico das crianças autistas, em especial, a produção de gestos que ocorreram tanto na presença quanto na ausência de produções vocais. Outrossim, as crianças fizeram uso de diferentes dimensões gestuais que contribuíram para o desenvolvimento de práticas sociais significativas.

Palavras-chave: Multimodalidade. Práticas sociais. Autismo.

Resumo em inglês: The multimodal approach becomes a rich field to develop studies that encompass the interplay between semiotic modes and new arrangements in social practices. In this vein, gestures, oral discourse, and gaze are examples of these expressive and multimodal elements. This paper aims to analyze, based on multimodality, the gestural productions of autistic children in social practices during their language acquisition process. Specifically, we intend to describe the gestures produced by autistic children in interactive scenes, identifying the relationship between their gestures and their vocal production in different interactive contexts. To do so, we considered the works of McNeill (1992, 2002, 2006), Kendon (1988, 2000, 2004), Cavalcante (2012, 2018), Barros e Fonte (2016), Cruz (2018), Fonte e Barros (2019), Fonte e Silva (2019) as a theoretical framework. This qualitative research focused on the analysis of interactive scenes undertaken by autistic children in conversations with different social partners in a foster group within a community educational institution. For data transcription, we used the software *Eudico Language Annotator*. Based on the transcriptions, we analyzed the interactive scenes. We also observed the orchestration of different semiotic resources in the linguistic enunciation of autistic children, especially the production of gestures that occurred both in the presence and absence of vocal outputs. Moreover, the children used different gestural dimensions that contributed to the development of meaningful social practices.

Palavras-chave em inglês: Multimodality. Social practices. Autism.

Introdução

O processo de produção de sentidos implica modos de linguagem que podem se sustentar em diferentes meios, no texto escrito, imagético, vocal, ou seja, em eventos linguísticos que permeiam a interação, as práticas sociais. Ribeiro (2016), na discussão dos aspectos de leitura e produção de textos multimodais, destaca que o conceito de “texto” é uma das inquietações que envolve os estudos de linguistas e pesquisadores. Não há uma unanimidade, até o momento, no que se relaciona à conceitualização da unidade textual.

Desse modo, a depender das premissas teóricas, como a Linguística Textual, a Semiótica, a Análise do Discurso, enquanto importantes áreas nos estudos da linguagem, podemos observar o “texto” de variadas formas. Ribeiro (2016) afirma que os textos mudam ao longo da história. Nesse sentido, podemos inferir que a produção de textos recobre quadros temporais, históricos, sociais em que a atividade

humana se encontra presente ao longo dos lugares enunciativos. Diante disso, percebemos que a relação entre as práticas sociais e as diferentes práticas textuais não pode ser distante.

O estudo da multimodalidade tem se tornado um campo profícuo para o desdobramento de diversos trabalhos dentro e fora do contexto brasileiro. Além da vertente da semiótica social, a multimodalidade também pode ganhar novas óticas e se manifestar em diferentes textos que circulam em práticas sociais diversas, uma vez que, assim como afirma Dionísio (2007), o texto é multimodal (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001). Logo, a abordagem multimodal discursiva também pode estar presente na atividade oral e integrar relações diretas com o interacionismo (CAVALCANTE, 2012, 2018; FONTE; SILVA, 2019), com a enunciação (BARROS; FONTE, 2016; FONTE; BARROS, 2019; BARROS; FONTE; SOUZA, 2020) e com a perspectiva corporificada, por exemplo, em interlocução com a questão sociointeracionista (CRUZ, 2017, 2018). Para tanto, com foco nesse segmento de relações, exploraremos a multimodalidade nas práticas sociais de crianças autistas.

Dionísio (2007) sinaliza que a multimodalidade nos envolve e os recursos visuais e verbais precisam ser vistos de forma orquestrada para a construção de sentidos. Para a autora, o processamento de um texto falado ou escrito exige atividades que excedem a palavra em si. Nesse contexto, o texto multimodal pode envolver o gesto, a palavra, a entonação, a imagem, o olhar, o sorriso, as expressões faciais e entre outros recursos que perpassam sentidos.

A multimodalidade nos permite compreender gesto e produção vocal como segmentos integrados, que estão inseridos no mesmo sistema de significação, assim como postulam os autores Butcher e Goldin-Meadow (2000), Goldin-Meadow (2009) e Abner, Cooperrider e Goldin-Meadow (2015). A partir dos estudos gestuais, McNeill (2006, p. 1) afirma que “O gesto tem movimentado um campo de estudo nos últimos anos”¹ e tal elemento abrange uma multiplicidade de movimentos comunicativos, principalmente, mas não sempre os movimentos que abarcam as mãos e os braços. Desse modo, as dimensões gestuais devem ser consideradas no plural.

No que concerne ainda aos elementos gestuais, segundo Kendon (2004), o gesto pode ser definido como uma ação visível quando apresenta teor enunciativo ou quando faz parte de um enunciado. Na

¹ “As a field of study, gesture has become energized in recent years.”

área de trabalho que envolve o gesto, McNeill e Kendon são considerados referências no campo, uma vez que motivam muitos pesquisadores importantes, principalmente, no contexto brasileiro.

Com base na perspectiva multimodal, Andrade e Faria (2017) e Andrade, Faria e Costa Filho (2018) contribuem para os estudos de aquisição da linguagem, evidenciando que a referida abordagem se constitui como uma instância alternativa de comunicação para a criança autista que possui transtorno de linguagem, por exemplo. Desse modo, concordamos com o posicionamento teórico apresentado pelos autores. Legitimamos a necessidade de conceber as crianças autistas para além dos diagnósticos, uma vez que precisam ser estimuladas ao engajamento social para que possam desenvolver as capacidades e as competências no eixo da linguagem e da socialização. Nesse sentido, é importante também destacar as singularidades e operações individuais de cada criança, pois o estar na linguagem não é exclusivo de sujeitos típicos.

Na discussão dessa temática, Cruz (2017, 2018) destaca-se com a publicação de trabalhos com objetivos variados que envolvem a multimodalidade e o autismo. Nesse contexto, a autora traz contribuições para a área, reconhecendo que o gesto realizado por intermédio do corpo é parte integrante do sistema linguístico. A pesquisadora baseia-se no trabalho de Mondada (2016), que também é uma referência internacional relevante para o campo que abrange a multimodalidade e a interação.

Desviando-se do olhar patologizante e normativo presente nos compêndios clínicos, podemos destacar o posicionamento engendrado pela criança autista, o quão importante é buscarmos reconhecê-la como sujeito dentro do eixo social. Nesse prisma, salientamos o trabalho desenvolvido por Fonte e Cavalcante (2018). Com foco nos gestos dêiticos, as autoras realizaram um estudo de caso com duas crianças autistas verificando como se estabelece a atenção conjunta e a gestualidade na singularidade do autismo. Os resultados do trabalho mostraram que as crianças autistas foram produtoras de gestos de apontar com diferentes configurações morfológicas. Diante da pesquisa, podemos perceber que, apesar da presença de diferentes variações que tangem à morfologia gestual, os gestos dêiticos incorporaram e assumiram diferentes papéis nas cenas interativas, como o papel dêitico, declarativo e imperativo no caso de uma criança e o papel dêitico e imperativo no contexto de outra criança autista.

Com os avanços que conduzem os arranjos, as mudanças sociais e as teorias, urge a necessidade de refletirmos sobre os textos, as produções linguísticas de crianças autistas à luz da multimodalidade. Embora pesquisas salientem a existência de dificuldades interativas e sociais no que se refere às crianças autistas, acreditamos que essas crianças podem produzir textos multimodais de uma maneira particular com base nas singularidades.

Desse modo, propomo-nos a analisar, por meio da multimodalidade, as produções gestuais realizadas por crianças autistas, no processo de aquisição da linguagem, nas práticas sociais. Como objetivos específicos, pretendemos descrever os gestos produzidos por crianças autistas em cenas interativas, identificando a relação entre gestos e produção vocal de crianças autistas em contextos diversificados de interação. Desse modo, dialogamos com Kendon (2000, 2017), McNeill (1992, 2000), Andrade (2017), Cavalcante (2012, 2018), Barros e Fonte (2016), Fonte e Barros (2019), Fonte e Cavalcante (2016, 2018) para estudo e desenvolvimento desta pesquisa.

Partindo disso, elaboramos este trabalho e o organizamos da seguinte forma: inicialmente, haverá uma discussão sobre a multimodalidade nas práticas sociais de crianças autistas; em seguida, haverá o registro dos caminhos metodológicos percorridos que resultaram nesta pesquisa. Sequencialmente, discutiremos dados de práticas sociais referentes às cenas interativas ocorridas em um grupo de acolhimento à criança autista. O trabalho, assim, poderá contribuir para diferentes áreas do conhecimento, uma vez que envolve as práticas sociais que são construídas diariamente por cada um de nós. Outrossim, favorece a noção de que os variados recursos semióticos produzem sentidos e podem também ser articulados nas práticas engendradas por crianças com transtorno de linguagem.

Multimodalidade nas práticas sociais de crianças autistas

A multimodalidade é um campo em que há a confluência de perspectivas e saberes, no qual apresenta, como artefatos expressivos, a imagem, o som, o gesto, a produção vocal na mesma linha de importância e complexidade, isto é, centra-se nas diferentes semioses para o compartilhamento de sentidos nas práticas sociais. Desse modo, explorando a multimodalidade, enquanto um elemento significativo, no processo de aquisição da linguagem de crianças autistas, estudaremos,

especificamente, os segmentos gestuais e verificaremos, em caso de ocorrência, a relação desses segmentos com os textos vocais e com a expressão do olhar, uma vez que as semioses da linguagem configuram um encontro, uma atividade interativa.

Na trajetória linguística infantil, as produções gestuais podem ser caracterizadas como a primeira atividade enunciativa presente nas dinâmicas de interação da criança. As tradições dos trabalhos relacionados aos gestos na aquisição da linguagem têm conferido às ações gestuais o caráter pré-linguístico. O aquisicionista Bruner (1975), por exemplo, a partir da abordagem de continuidade estrutural, defende que as produções vocais iniciais do bebê e os gestos são considerados traços do período pré-linguístico em contraposição direta com a fala, que ocorre no período linguístico. Outrossim, além do autor supracitado, destacamos Tomasello (2019), que defende a teoria da primazia gestual. Para o autor, o gesto antecede a produção vocal e se constitui como uma manifestação comunicativa dos seres humanos. No entanto, após um espaço de tempo, há a transição do gesto para a fala.

Em oposição à concepção de primazia gestual, respaldamo-nos na abordagem multimodal, que concebe as produções vocais e gestuais como dimensões semióticas integradas que atuam no processo de aquisição da linguagem. Nessa perspectiva, as produções vocais e os gestos são elementos formadores de um único arcabouço semântico, conforme defendem Kendon (2000, 2017), McNeill (1985, 1992, 2000), Butcher e Goldin-Meadow (2000), Fonte *et al.* (2014), Fonte e Cavalcante (2016) e Cavalcante (2018).

Com base na multimodalidade, McNeill (2006) ainda ratifica que os gestos não estão restritos aos movimentos dos braços e das mãos, mas destaca que tais produções gestuais são primárias. Além disso, o autor evidencia que, apesar dos gestos e da língua oral se constituírem a partir de canais semióticos e representativos distintos, ambos (gesto e produção vocal) são compreendidos em plenitude quando pensados enquanto uma matriz única de funcionamento linguístico e cognitivo. Quando as dimensões gestuais ocorrem na presença da produção vocal, não há como desvincular tais movimentos do processo interativo e semântico que se estrutura.

McNeill (2006) forneceu a caracterização das formas gestuais a partir de dimensões: gestos icônicos, gestos metafóricos, gestos dêiticos e gestos ritmados. Com foco na especificação dos gestos, o autor ressalta a concepção de dimensões ao invés de categorias, pois sinaliza

que pode ocorrer uma mescla entre iconicidade, metafóricidade, dêixis e outras propriedades no mesmo gesto.

Os gestos icônicos são gestos que apresentam imagens de entidades concretas ou ações e podem retratar um evento ou objetos. Os gestos metafóricos podem representar conteúdos abstratos. No gesto metafórico, a expressão abstrata é representada como se possuísse forma ou espaço ocupado. Os gestos dêiticos são os gestos demonstrativos e possuem o papel de indicar a localização de entidades/ações no espaço físico. Geralmente, tais dimensões gestuais são representadas pelos movimentos de apontar. Os gestos ritmados são assim intitulados porque a mão parece bater no mesmo intervalo de tempo que a fala. Segundo McNeill (2006), esses gestos podem funcionar como marcadores de realce de algum momento no discurso. No que diz respeito, especificamente, aos gestos dêiticos, podemos observar ainda que algumas configurações gestuais podem apresentar funções emblemáticas. Pode ser citado como um exemplo o gesto de apontar com o dedo indicador estendido.

Essa configuração gestual é típica da cultura brasileira, além de apresentar o teor referencial, o gesto pode ser compreendido como uma atividade que marca um estatuto social na interação entre pares, é um elemento reconhecido culturalmente. Nesse panorama, McNeill (2006, p. 2) ratifica que “Os emblemas podem se combinar sequencialmente e simultaneamente com gestos de outros tipos”². Além disso, Ávila-Nóbrega (2018) comenta que os emblemas, na macrocategoria gestual, englobam os gestos dêiticos.

Para facilitar a compreensão do prisma funcional dos gestos, Kendon (1980) estabeleceu fases gestuais que se transfiguram em unidades gestuais, que, por sua vez, formam frases gestuais. Interessamos detalhar as fases gestuais que são formadas pelo movimento de preparação, golpe e retração. A fase da preparação é o movimento da mão, por exemplo, quando se prepara para realizar o golpe. A fase do golpe é o movimento obrigatório e se constitui como ponto de auge, o clímax do movimento gestual, é a fase na qual há mais esforço e significação. O golpe pode ser seguido pela fase da retração, movimento opcional, que ocorre quando a mão, que realizou o gesto, retorna à posição de repouso. O gesto pode ser seguido também pela fase de preparação ou de golpe de uma nova ação gestual.

Além disso, Kendon (1988), considerado como um dos precursores no campo de estudos gestuais, constata diferentes tipos

² “Emblems can blend both sequentially and simultaneously with gestures of other kinds.”

de gestos. McNeill (1992) organiza os gestos observados por Kendon ao longo de um contínuo intitulado de “contínuo de Kendon” em homenagem ao pesquisador. Os gestos são vistos a partir de cinco tipos: gesticulação, gestos preenchedores, emblemas, pantomimas e os sinais. Os movimentos gestuais foram estudados com base em quatro categorias no contínuo estabelecido: gesto-fala, gesto-propriedades linguísticas, gesto-convenções e gesto-caráter semiótico.

Para Kendon (1988), a gesticulação pode ser caracterizada como o movimento que se relaciona com o discurso oral, considera-se que é uma das ações gestuais mais frequentes no uso cotidiano. Geralmente, é um movimento que abrange as mãos, mas acreditamos que pode englobar outras partes do corpo. Na gesticulação, a presença de fala é obrigatória. No que diz respeito aos gestos preenchedores, são vistos como movimentos que fazem parte da sentença, isto é, ocupam um espaço gramatical. Os emblemas são os gestos culturais, convencionalizados na cultura, um exemplo é o polegar para cima que indica o gesto de “OK”. No que diz respeito às pantomimas, caracterizam-se enquanto gestos representativos que podem sinalizar uma linha narrativa, acontecem na ausência de produção vocal. Os sinais são pertencentes a uma língua sinalizada e envolvem os gestos como itens lexicais, elementos que se articulam com padrões gramaticais, estruturas linguísticas.

Na singularidade do autismo, é preciso ampliar as discussões que envolvem a temática dos gestos. Para tanto, consideramos, enquanto segmento enunciativo e possibilidade de linguagem, as estereotipias motoras. Como defendem os trabalhos de Fonte e Barros (2019) e Barros e Fonte (2016), as estereotipias motoras podem ser caracterizadas como movimentos corporais repetitivos com estatuto simbólico. Ademais, podem se associar às produções vocais.

Na discussão dos dados, Fonte e Barros (2019) evidenciam ricas cenas interativas. Na primeira cena discutida pelas pesquisadoras, em especial, destaca-se a estereotipia motora de girar o corpo de um lado para o outro que foi realizada por uma criança autista³. No excerto, as autoras observam que a criança, na interação com a interlocutora, privilegiou o plano gestual a partir do uso da estereotipia motora e o plano do olhar a partir do desvio do olhar. Os movimentos engendrados pela criança, no contexto de análise, foram compreendidos como

³ No contexto da cena analisada pelas autoras, Caio é o nome fictício utilizado para a primeira criança autista contemplada no trabalho.

elementos multimodais que revelaram o sentido de negação. As autoras se distanciam da perspectiva clínica tradicional e das concepções teóricas realizadas pelo psiquiatra infantil Leo Kanner (1943) no que tange às estereotipias motoras como comportamentos repetitivos sem expressão de sentido.

Em relação aos gestos de crianças autistas na aquisição da linguagem, alguns questionamentos que motivaram este estudo foram: que gestos são realizados por crianças autistas em práticas sociais diversas? Esses gestos ocorrem na ausência ou na presença da produção vocal?

Diante disso, urge salientar que o processo de aquisição da linguagem não é estruturado apenas por produções do plano linguístico oral, mas também é composto por dimensões gestuais e à medida que ocorre a combinação síncrona no aspecto temporal e semântico entre gesto e produção vocal, há o que é designado de *Growth Point*, que é conhecido como ponto de congruência (MCNEILL, 2006).

Nos estudos sobre os gestos na interação, Cavalcante mobiliza um conjunto de trabalhos relevantes nessa vertente teórica, desenvolve pesquisas na área de aquisição da linguagem a partir do viés multimodal e aborda não só os caminhos linguísticos de crianças típicas, mas também investiga caminhos desenvolvidos por crianças atípicas em diálogo com outros colaboradores (ALMEIDA; CAVALCANTE, 2017; ÁVILA-NÓBREGA; CAVALCANTE, 2018; FONTE; CAVALCANTE, 2016, 2018).

Cruz (2017, 2018), por sua vez, concebe também, com base na perspectiva multimodal e corporificada da interação, que o sistema linguístico é multicomponencial, ou seja, apresenta como elementos de linguagem diferentes recursos com estatuto linguístico, como os gestos e as produções vocais. Nesse prisma, a partir do estudo da criança autista nas práticas interativas, analisa as relações entre a percepção do ambiente físico material e a emergência de momentos de iniciativa espontânea de fala por parte das crianças com autismo (CRUZ, 2018). A autora também traz ricas contribuições para os estudos gestuais no Brasil, explora os diferentes artefatos semióticos que acompanham os desdobramentos linguísticos das crianças com alterações de linguagem.

Iverson e Goldin-Meadow (2005), na discussão de como a ação gestual pavimenta o caminho para o processo de aquisição da linguagem, comentam a relevância do gesto no desenvolvimento linguístico, salientam que o gesto pode fornecer caminhos para

que novos significados entrem nos repertórios comunicativos das crianças e o destacam como um elemento crucial no campo de desenvolvimento da linguagem. Partindo da correlação entre gesto e produção vocal como elementos coatuantes no processo de aquisição da linguagem (BUTCHER; GOLDIN-MEADOW, 2000; IVERSON; GOLDIN-MEADOW, 2005; ROWE; GOLDIN-MEADOW, 2009; GOLDIN-MEADOW, 2015), Cavalcante (2018) destaca o contínuo vocal proposto por Barros (2012) que evidencia quatro momentos das primeiras produções vocais infantis: balbucio, jargão, holófrases e blocos de enunciado.

O balbucio pode apresentar formato silábico de consoante e vogal com padrões de som da língua alvo. Os jargões, por sua vez, podem ser caracterizados como longas sequências silábicas incompreensíveis, são produções que apresentam diferentes contornos entonacionais (BARROS, 2012). Quanto às holófrases, são caracterizadas como “(...) o uso, pela criança, de enunciados de uma palavra para expressar uma ideia complexa, especificamente uma oração ou uma proposição (...)” (SCARPA, 2009, p. 187). O período de produção de blocos de enunciado é caracterizado como o momento em que a criança faz a alternância da produção de holófrases para os blocos de enunciado (FONTE *et al.*, 2014).

Haja vista a matriz gesto-fala, Goldin-Meadow (2009) legitima que alterações no gesto podem sinalizar desvios na fala. Seguindo a mesma proposição teórica, Rowe e Goldin-Meadow (2009) admitem que o gesto inicial ou a falta dele pode servir como pista privilegiada para indicar atraso de linguagem. Desse modo, a análise dos gestos pode servir como sinal relevante para diagnósticos precoces de possíveis desvios de linguagem.

Logo, discutir os segmentos gestuais é essencial, porquanto são elementos basilares no processo de aquisição da linguagem, as crianças realizam gestos desde o início do percurso linguístico infantil. Ademais, estudar os gestos na especificidade do autismo é um caminho produtivo, pois os gestos promovem um lócus de manifestação enunciativa e possibilitam a saída do isolamento da criança autista para a entrada na linguagem. Os resultados deste estudo, por conseguinte, contribuirão para perceber as flexibilidades na linguagem de crianças autistas a partir do uso dos gestos e de outros recursos no funcionamento linguístico multimodal.

Caminhos metodológicos

Os aspectos metodológicos que conduziram esta pesquisa⁴ tiveram o propósito de delimitar as etapas do trabalho, que consistiu na investigação dos gestos de crianças autistas na aquisição da linguagem. Este estudo foi respaldado na perspectiva do funcionamento multimodal da linguagem, assim, nós nos fundamentamos em Kendon (1988, 2000, 2004, 2017), McNeill (1992, 2000, 2002, 2006), Butcher e Goldin-Meadow (2000), Goldin-Meadow (2009, 2015), Cavalcante (2018), Fonte *et al.* (2014), Barros e Fonte (2016) e Abner, Cooperrider e Goldin-Meadow (2015).

Quanto à tipologia do estudo, a pesquisa privilegiou um trabalho de natureza qualitativa do tipo estudo de caso, os dados observados são advindos de um grupo de acolhimento que envolve sujeitos autistas em interação com diferentes parceiros sociais de uma instituição comunitária de ensino. Segundo Del Ré (2018), a pesquisa qualitativa envolve uma descoberta exploratória e descritiva, na qual há uma observação subjetiva e não controlável do pesquisador que está próximo dos dados, que são obtidos no ambiente natural dos sujeitos.

O *corpus* do estudo foi constituído de descrições dos gestos e produções vocais associadas a eles, em caso de ocorrência, de crianças autistas em cenas interativas. Os segmentos para análise foram extraídos de vídeos registrados no banco de dados do Laboratório de Práticas de Linguagem de uma instituição de ensino superior e são referentes às interações sociais ocorridas entre crianças autistas e diferentes interlocutores em um grupo de acolhimento ao espectro autista dessa instituição.

Quanto à seleção dos sujeitos, foram selecionadas três crianças autistas que participaram do grupo de acolhimento. As crianças, que apresentam diferentes funcionamentos linguísticos, foram selecionadas após contato com os responsáveis, que, concordando com a participação da criança na pesquisa, precisaram assinar o termo de consentimento livre e esclarecido.

Quanto aos procedimentos e critérios para análise dos dados, seguimos as seguintes etapas:

1ª Etapa - selecionar os trechos das gravações para serem transcritos. O critério adotado para essa seleção foi a presença de produções gestuais realizadas pela criança.

⁴ O trabalho desenvolvido se relaciona a um projeto de pesquisa, intitulado como "Aquisição e desvios de linguagem na perspectiva multimodal", que foi aprovado pelo Comitê de Ética sob nº 3.951.141 - CAAE 30037020.4.0000.5206.

2ª Etapa - transcrever os trechos selecionados, incluindo as produções vocais quando presentes e associadas aos gestos em contextos interativos diversificados. Os gestos foram identificados a partir da ideia de que performam papéis na interação entre os pares, isto é, são movimentos comunicativos. Para a transcrição dos gestos e das produções vocais, utilizamos o software *Eudico Linguistic Annotator*, conhecido como ELAN, que viabilizou a transcrição de dados de vídeo e áudio simultaneamente. Esse software possibilita realizar as transcrições dos gestos e das produções vocais no tempo exato de ocorrência.

3ª Etapa - categorizar os gestos, que apresentam teor expressivo e estatuto de sentido, com base nas dimensões gestuais apresentadas por McNeill (2006): gestos icônicos, gestos metafóricos, gestos dêiticos ou *beats* (gestos ritmados) e nas estereotípias motoras enquanto movimentos gestuais, conforme defendem Fonte e Barros (2019) e Barros e Fonte (2016), podendo ser consideradas outras produções gestuais a partir dos resultados encontrados.

Análise e discussão de dados

Nesta seção do trabalho, com o propósito de sanar os questionamentos que motivaram o presente estudo, analisaremos alguns contextos interativos em que estão em evidência as produções gestuais realizadas por crianças autistas. Assim, para discussão dos dados, foram utilizados nomes fictícios para preservar a identidade dos participantes das cenas de interação.

Na cena de interação a seguir, veremos um momento linguístico que é compartilhado por três participantes.

Fragmento de análise I

Contexto: Lara (criança autista, apresenta em torno de 8 anos)⁵ e Iara (pesquisadora) interagem a partir de uma atividade lúdica, elas estão brincando de empurrar o bambolê para Fabiana (bolsista de iniciação científica), que é estudante do curso de Fonoaudiologia. Na cena, a criança marca o seu percurso interativo de maneira singular.

⁵ Não conseguimos ter acesso ao registro da data de nascimento da criança Lara. Na filmagem observada, a criança apresenta ter por volta dessa faixa etária.

Quadro 1 – Transcrição de cena interativa entre Iara, Fabiana e Lara

	Tempo inicial/ Tempo final	Plano vocal	Plano gestual	Plano do olhar
Iara	00:11:20.514/ 00:11:21.504 00:11:21.069/ 00:11:23.277	Sem produção vocal	Dedo indicador estendido e demais dedos retraídos na palma da mão direita Aponta para o próprio gesto com a mão esquerda	Olhar não visível
Fabiana	00:11:21.194/ 00:11:21.816	“Dois”	Não visível na filmagem	Não visível na filmagem
Lara	00:11:21.408/ 00:11:22.428	Sem produção vocal	Dedo indicador e dedo médio estendidos e demais dedos retraídos na palma da mão direita	Olhar para mãos de Iara, em seguida, para chão e para as próprias mãos
Iara	00:11:21.504/ 00:11:22.540	Sem produção vocal	Dedo indicador e dedo médio estendidos e demais dedos retraídos na palma da mão direita, permanece apontando para o próprio gesto com a mão esquerda	Olhar para Lara e, em sequência, para bambolê
Fabiana	00:11:22.268/ 00:11:22.902	“Três”	Não visível na filmagem	Não visível na filmagem
Lara	00:11:22.739/ 00:11:23.463	Sem produção vocal	Dedo indicador, dedo médio e dedo anelar estendidos e demais dedos retraídos na palma da mão direita	Olhar para mãos de Iara, sequencialmente, para o bambolê
Iara	00:11:22.888/ 00:11:23.312 00:11:23.317/ 00:11:24.978 00:11:23.332/ 00:11:24.615	Sem produção vocal “Jáaaaa”	Dedo indicador, dedo médio e dedo anelar estendidos e demais dedos retraídos na palma da mão direita, continua apontando para o próprio gesto com a mão esquerda Mãos espalmadas dispostas para frente com as palmas das mãos viradas para baixo	Olhar para mãos de Lara, em seguida, para o bambolê Olhar voltado para bambolê, em sequência, para Lara e bambolê novamente
Lara	00:11:23.509/ 00:11:24.427	Sem produção vocal	Mãos espalmadas dispostas para frente com as palmas das mãos viradas para baixo	Olhar para bambolê

Fonte: Elaboração própria (2022).

No excerto, podemos observar a dinâmica interativa estabelecida entre Lara, Iara e Fabiana. Lara, na cena, demonstrou iniciativa enunciativa para atuar e interagir por meio dos múltiplos recursos semióticos e significativos que a linguagem disponibiliza.

Iara, interlocutora de Lara, a convoca para o momento interativo, inicialmente, por meio do movimento gestual representado pela configuração manual que indica o número um na cultura brasileira e pelo gesto de apontar, que pode ser caracterizado como um gesto dêitico (MCNEILL, 2006), com função referencial, e como um gesto emblemático, artefato construído socialmente, viabilizando aos atores sociais possibilidades de interação e engajamento.

O excerto é um recorte de um momento lúdico compartilhado, a atividade social empreendida pelas participantes da cena demonstra a integração dos gestos de Lara com a ação gestual realizada, no primeiro plano, por Iara e com as produções vocais empreendidas pelas interlocutoras da criança: Iara e Fabiana. No quadro, observamos que os gestos revelam nuances interacionais. Nesse prisma, podemos aludir ao estudo desenvolvido por Cruz e Cots (2020) que analisam os recursos corporais e verbais, a partir de uma análise sociointeracional, para compreenderem as formas de interação de uma criança com autismo. O gesto é um recurso semiótico relevante que pode favorecer vivências interativas.

Nesse sentido, verificamos que a sequencialidade da interação é marcada pelas representações gestuais e culturais do número um, dois e três como objeto temático. Com isso, observamos que os números são conceitos de nuances abstratas e as representações são sempre convencionalizadas, seja no campo da escrita, da modalidade verbal ou da modalidade gestual. Desse modo, verificamos que os gestos podem atuar como emblemas (KENDON, 1988) para os números um, dois e três na cultura brasileira, porquanto já se convencionalizou a relação entre forma e sentido no eixo cultural.

Lara, por meio do olhar e dos movimentos gestuais, interage sem utilizar produção vocal e realiza um espelhamento gestual, repetindo a ação de Iara a partir do delineamento das mãos espalmadas dispostas para frente com as palmas das mãos viradas para baixo. A criança demarca, assim, a integração na interação e revela que estava atenta ao contexto. Lemos (2002b), na concepção linguística aliada à psicanálise, discute a fragmentação da fala da criança e das holófrases e apresenta o processo de aquisição da linguagem como um processo de subjetivação.

Nesse contexto, destaca também a noção de espelhamento e a salienta como um segmento constituinte da relação interativa entre mãe-criança, que envolve o espelhar-se no outro, a especularidade, a criança recorta partes do enunciado do adulto. No trabalho, a autora sinaliza que os enunciados recortados podem ser imediatamente precedentes ou podem ser advindos de enunciados produzidos anteriormente em outras situações prévias.

No fragmento de análise I, a criança torna a realizar o movimento gestual (00:11:23.509-00:11:24.427) produzido, previamente, por uma de suas interlocutoras: Iara. A criança espelha-se, então, no gesto da sua interlocutora. Essa questão nos chama atenção e pode ser considerada de suma relevância⁶.

Partiremos para o segundo excerto de análise em que perceberemos a orquestração de diferentes textos linguísticos realizados pela criança autista na interação social com a sua interlocutora.

Fragmento de análise II

Contexto: Félix (criança autista, 6 anos) e Fabiana (bolsista de iniciação científica), estudante do curso de Fonoaudiologia, estão brincando com números de EVA sobre a mesa. Félix tem bastante interesse nas atividades com as peças de EVA.

Quadro 2 – Transcrição de cena interativa entre Fabiana e Félix

	Tempo inicial/ Tempo final	Plano vocal	Plano gestual	Plano do olhar
Fabiana	00:09:10.910/ 00:09:11.680	“Cadê o um?”	Mãos e braços sobre a mesa	Olhar voltado para a mesa onde estão os números
Félix	00:09:11.511/ 00:09:11.966 00:09:11.966/ 00:09:12.546 00:09:11.980/ 00:09:12.170	Sem produção vocal “Um”	Gesto de apontar com dedo indicador Braço direito esticado e gesto de alcance com a mão em direção ao brinquedo	Olhar para número um
Fabiana	00:09:12.162/ 00:09:15.791	Sem produção vocal	Permanece com mãos e braços sobre a mesa	Alterna o olhar para o número um

⁶ Por limitações espaciais, a noção de “espelhamento” não será aqui desenvolvida. Para detalhes, ver: Lemos (2002a, 2002b).

Félix	00:09:12.515/ 00:09:13.135	“Aqui”	Gesto de apontar com dedo indicador	Continua com o olhar direcionado para o número um
	00:09:12.546/ 00:09:14.384			

Fonte: Elaboração própria (2022).

Na cena enunciativa em evidência, Félix faz uso de diferentes traços multimodais para promover interação com sua interlocutora Fabiana. A criança autista posiciona-se diante do questionamento da sua parceira interativa e a replica por meio do direcionamento do olhar (00:09:10.854–00:09:14.940) e da integração de gestos com produções vocais. Em relação às formas gestuais, podemos destacá-las, dentro da proposta dimensional de McNeill (2006), como gestos dêiticos. A partir dos dados, pode-se verificar morfologicamente dois gestos de apontar convencionais na cultura brasileira, que estão configurados a partir da “Extensão do braço e dedo indicador em direção a um objetivo” (CAVALCANTE, 2010, p. 15), e um segmento gestual funcionando como um instrumento de alcance e/ou pedido, que pode atuar de forma demonstrativa e referencial. Nessa perspectiva, ainda no que se refere à caracterização gestual, os gestos destacados, conforme a proposta tipológica de Kendon (1988), podem ser caracterizados como gestos emblemáticos, pois são gestos convencionalizados culturalmente.

O foco das produções holofrásticas produzidas oralmente pela criança em articulação com os gestos e o olhar sinalizam a peça solicitada por Fabiana. Assim, podemos notar, no excerto, a construção de um enunciado gesto-vocal. Quanto à holófrase “um”, o gesto de apontar com o dedo indicador (00:09:11.511–00:09:11.966) pode funcionar como um complemento linguístico do vocábulo, uma vez que podemos significar como “gesto de apontar (número/lá) + um”. Além disso, é preciso salientar que os recursos gestuais, o olhar e as produções vocais realizadas pela criança funcionaram como elementos de realce e referentes linguísticos, especificamente, do numeral um, elemento essencial da atividade enunciativa entre Fabiana e Félix. Ademais, ainda no que tange ao contexto interativo, deflagramos o gesto como um gatilho para desenvolvimento lexical da criança (IVERSON; GOLDIN-MEADOW, 2005), favorecendo, nesse sentido, o desenvolvimento do repertório linguístico da criança e o momento de partilha na cena.

No último excerto de análise contemplado, observamos a singularidade de uma cena interativa entre uma criança autista e sua

parceira de interação, o sujeito com autismo convoca sua interlocutora a partir de um conjunto de semioses.

Fragmento de análise III

Contexto: Rosa (bolsista de iniciação científica), estudante do curso de Fonoaudiologia, brinca com Igor (criança autista, 3 anos) por meio de uma máscara de um pinguim. Rosa dirige-se ao armário, Igor chama a atenção dela. Igor demonstra bastante empolgação pela atividade.

Quadro 3 – Transcrição de cena interativa entre Igor e Rosa

	Tempo inicial/ Tempo final	Plano vocal	Plano gestual	Plano do olhar
Igor	00:00:48.617/ 00:00:51.354 00:00:49.040/ 00:00:49.740 00:00:49.152/ 00:00:51.721	“Êi:.”	Balancio das mãos como asas Realiza pequenos pulos	Olhar direcionado para Rosa
Rosa	00:00:49.197/ 00:00:52.281 00:00:49.736/ 00:00:50.252	“Oi!”	Vira-se para Igor e fica de frente para ele	Não visível devido à máscara
Igor	00:00:51.354/ 00:00:51.885 00:00:51.355/ 00:00:52.927 00:00:41.422/ 00:00:51.678 00:00:51.820/ 00:00:52.919 00:00:52.020/ 00:00:53.110	“Ah!! É você:.”	Braços na vertical, mãos semiespalmas na direção de Rosa Apontar com a cabeça Apontar com a cabeça Apontar com dois indicadores	Olhar direcionado para Rosa
Rosa	00:00:52.281/ 00:00:54.678 00:00:53.210/ 00:00:54.004	“Sô eu!”	Abaixa o tronco, direciona as duas mãos ao peito e retorna- as para próximo às pernas	Não visível devido à máscara

Fonte: Elaboração própria (2022).

Por meio do fragmento exposto, podemos observar que o processo de aquisição da linguagem admite elementos amalgamados para enunciação linguística. Na dinâmica dialógica, Igor convoca a atenção de

Rosa fazendo uso da matriz gesto-vocal. No excerto, registramos a presença da estereotipia motora, delineada pelo movimento de balanceio das mãos como asas, nominalmente conhecida como *flapping*, conforme destacam Barros e Fonte (2016). Além dessa caracterização, podemos descrever a estereotipia como um gesto ritmado, de acordo com a definição de McNeill (2006), pois acompanhou o ritmo da produção verbal “Êi::” (00:00:49.040-00:00:49:740). O movimento denotou, junto com os pulos, um sentimento de excitação e euforia pela atividade. Apesar de McNeill (2006) observar os movimentos das mãos como gestos ritmados, acreditamos que outras partes do corpo também podem marcar o ritmo da fala, uma vez que o próprio autor afirma que os movimentos gestuais não estão restritos às mãos e aos braços. Assim, de acordo com o autor, percebemos que as dimensões gestuais são fluidas e podem ser encontradas na mesma produção gestual.

Ainda no plano gestual, Igor produz gestos dêiticos (MCNEILL, 2006), os movimentos são referenciais a Rosa, particularmente, as ações dêiticas gestuais são realizadas, distintamente, com a cabeça e com os dois dedos indicadores, coincidindo temporalmente com o bloco de enunciado “Ah!! É você::” (00:00:51.355-00:00:52.927). Desse modo, em alusão ao estudo com bebês realizado por Fonte *et al.* (2014), verificamos que para além do gesto emblemático, no processo de aquisição da linguagem, os gestos ritmados e as estereotipias motoras também podem atuar como elementos de estruturação linguística do discurso das crianças com transtorno de linguagem. Dessarte, assentimos com Abner, Cooperrider e Goldin-Meadow (2015), McNeill (2006) e Kendon (2004) e constatamos que o gesto é um mecanismo integrante da linguagem tanto na esfera da produção quanto da percepção, isto é, faz parte de todos os níveis da estrutura linguística.

Assim, observamos que o gesto é um aspecto semiótico atuante nas práticas sociais, é uma unidade de sentido que integra as diferentes esferas da atividade humana e variadas cenas interativas em que fazem parte sujeitos típicos ou atípicos. Desse modo, nos casos das crianças autistas, houve momentos em que as produções vocais foram simultâneas à produção gestual e outros em que a produção vocal antecedia e marcava presença após a realização dos gestos. Com isso em vista, enquanto eternos aprendizes e sujeitos de linguagem, precisamos perceber, refletir e estar sempre atentos aos processos de linguagem realizados pelas crianças autistas, porquanto, apesar do desvio de linguagem que elas possuem, são seres singulares, interativos e que se constituem na linguagem.

Considerações finais

Considerando os resultados do estudo e a proposta teórica adotada neste trabalho, foi possível constatar a complexidade da linguagem dos sujeitos autistas e a imersão dessas crianças no campo da aquisição linguística e na esfera enunciativa e social. A partir das cenas interativas analisadas e dos dados apontados, as crianças autistas realizaram produções gestuais na presença ou ausência de produção vocal. Especificamente, nos contextos analisados, observamos que as crianças realizaram diferentes dimensões gestuais com diferentes papéis nos momentos de trocas sociais.

Por meio da pesquisa, percebemos que as crianças usaram os gestos como recursos simbólicos e significativos, isto é, as produções gestuais operaram como elementos linguísticos. Especificamente, no fragmento I, as ações gestuais funcionaram como aspectos interativos, favoreceram a integração entre as participantes da cena e, além disso, contribuíram para a construção social da criança. Em relação ao fragmento II, além dessas particularidades, as produções gestuais elucidam e promovem o desenvolvimento da atividade linguística oral. Já no fragmento III, de modo geral, os gestos produzidos podem atuar como instrumentos de expressão emotiva, manifestação referencial e como dispositivos de estruturação linguística na prática discursiva e social da criança. Diante disso, podemos ratificar que o gesto é um segmento privilegiado e pode favorecer a constituição social e a construção interativa entre as crianças autistas e seus interlocutores. Ainda com base nos papéis que o gesto pode desempenhar, salientamos que caminhos de investigação podem ser desbravados considerando os papéis dos gestos no eixo de trocas sociais, principalmente, no que se refere à emoção mobilizada pela ação gestual.

Ainda em relação às três crianças, em geral, as produções gestuais marcaram maior incidência na presença de produção vocal. Assim sendo, os gestos se relacionaram com diferentes tipos de produções vocais, como o bloco de enunciado, a holófrase. Os resultados do estudo corroboram com as pesquisas na área de gestos e aquisição da linguagem (IVERSON; GOLDIN-MEADOW, 2005; BARROS; FONTE, 2016; ANDRADE, 2017; FONTE; CAVALCANTE, 2018; FONTE; BARROS, 2019), uma vez que a pesquisa demonstra que crianças autistas podem participar das práticas sociais como sujeitos de linguagem a partir do uso de gestos, produção vocal e plano do olhar.

O trabalho ilustra que o funcionamento multimodal contribui não somente para a área de Letras e Linguística, mas para todas as áreas em que haja interesse em diferentes recursos de expressão e interação social. À vista disso, expandir os estudos que envolvem o processo aquisicional da linguagem de crianças autistas é uma prática essencial, pois ainda há muito para se investigar tanto em relação às produções gestuais quanto em relação às produções vocais.

Referências

ABNER, N.; COOPERRIDER, K.; GOLDIN-MEADOW, S. Gesture for linguists: a handy primer. **Language and Linguistics Compass**, [s. l.], v. 9, n. 11, p. 437-451, 2015. DOI: 10.1111/lnc3.12168. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4721265/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

ALMEIDA, A. T. M. de C. B. de; CAVALCANTE, M. C. B. A multimodalidade como via de análise: contribuições para pesquisas em aquisição de linguagem. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 526-537, jul./dez. 2017.

ANDRADE, C. K. de S. **Linguagem e autismo**: a multimodalidade no contexto escolar. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

ANDRADE, C. K. de S.; FARIA, E. M. B. de. A interação no transtorno do espectro autista: a multimodalidade enquanto forma alternativa de comunicação. **Revista Prolíngua**, [João Pessoa], v. 12, n. 1, p. 60-74, mar./ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/36632/18574>. Acesso em: 20 mar. 2021.

ANDRADE, C. K. de S.; FARIA, E. M. B. de; COSTA FILHO, J. M. S. da. Atenção conjunta e multimodalidade na criança autista: um estudo de caso. In: ÁVILA-NÓBREGA, P. V. (org.). **Nuances da linguagem em uso**. Campina Grande: EDUEPB, 2018. p. 135-157. *E-book* (338 p.). (Coleção Linguagens em Uso, v. 1).

ÁVILA-NÓBREGA, P. V. Referenciação multimodal no engajamento conjunto entre crianças com síndrome de down e terapeutas. In: ÁVILA-NÓBREGA, P. V. (org.). **Nuances da linguagem em uso**. Campina Grande: EDUEPB, 2018. p. 101-133. *E-book* (338 p.). (Coleção Linguagens em Uso, v. 1).

ÁVILA-NÓBREGA, P. V.; CAVALCANTE, M. C. B. Crianças com síndrome de down: referenciação e multimodalidade em contexto lúdico. **Signótica**, Goiânia, v. 30, n. 4, p. 727-746, out./dez. 2018.

BARROS, A. T. M. de C. **Fala inicial e prosódia**: do balbucio aos blocos de enunciados. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

BARROS, I. B. do R.; FONTE, R. F. L. da. Estereotipias motoras e linguagem: aspectos multimodais da negação no autismo. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 16, n. 4, p. 745-763, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-639820169895>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/9TbpRpGMG4sqDSSbFXDTKFF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 26 ago. 2022.

BARROS, I. B. do R.; FONTE, R. F. L. da; SOUZA, A. F. R. de. Ecolalia e gestos no autismo: reflexões em torno da metáfora enunciativa. **Forma y Función**, Bogotá, v. 33, n. 1, p. 173-189, jan./jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.15446/fyf.v33n1.84184>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/338563696_Ecolalia_e_gestos_no_autismo_reflexoes_em_torno_da_metafora_enunciativa. Acesso em: 26 ago. 2022.

BRUNER, J. S. The ontogenesis of speech acts. **Journal of Child Language**, Cambridge, v. 2, n. 1, p. 1-19, 1975. DOI: 10.1017/S0305000900000866. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-child-language/article/abs/ontogenesis-of-speech-acts/6B799313627B3765BC82A7A336290CB2>. Acesso em: 29 ago. 2022.

BUTCHER, C.; GOLDIN-MEADOW, S. Gesture and the transition from one- to two-word speech: when hand and mouth come together. In: MCNEILL, D. (ed.). **Language and gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 235-257.

CAVALCANTE, M. C. B. A natureza do gesto de apontar em aquisição da linguagem: um estudo exploratório. In: CAVALCANTE, M. C. B. (org.). **Multimodalidade em aquisição da linguagem**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010. p. 9-40.

CAVALCANTE, M. C. B. Hologestos: produções linguísticas numa perspectiva multimodal. **Revista de Letras**, [Ceará], v. 1, n. 31, p. 9-16, jan./dez. 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/1057/1021>. Acesso em: 26 ago. 2022.

CAVALCANTE, M. C. B. Contribuições dos estudos gestuais para as pesquisas em aquisição da linguagem. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 21, n. esp., p. 5-35, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/viewFile/15199/9377>. Acesso em: 26 ago. 2022.

CRUZ, F. M. da. Elementos para uma análise multimodal da interação: um exemplo de correlação linguístico-gestual no autismo. In: GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. *et al.* (org.). **Texto, discurso e multimodalidade: perspectivas atuais**. São Paulo: Editora Paulistana, 2017. p. 158-179. Disponível em: <http://eped.fflch.usp.br/sites/eped.fflch.usp.br/files/Texto%20discurso%20e%20multimodalidade%20-%20VIII%20EPED%20-%202017.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2022.

CRUZ, F. M. da. Documentação multimodal de interações com crianças com Transtorno do Espectro do Autismo: corpo, língua e mundo material. **Calidoscópico**, v. 16, n. 2, p. 179-193, maio/ago. 2018. DOI: 10.4013/cld.2018.162.01. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328752666_Documentacao_multimodal_de_interacoes_com_crianças_com_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo_corpo_lingua_e_mundo_material. Acesso em: 26 ago. 2022.

CRUZ, F. M. da; COTS, C. P. As contribuições de uma análise sociointeracional dos recursos corporais e verbais para a compreensão das formas de interagir de uma criança com TEA (Transtorno do Espectro do Autismo). **Caletrosópio**, [Ouro Preto], v. 8, n. especial 2, p. 81-102, 2020.

DEL RÉ, A. (org.). **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

DIONÍSIO, A. P. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (org.). **Fala e escrita**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 177-196. Disponível em: <http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/29.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2022.

FONTE, R. F. L. da. *et al.* A matriz gesto-fala na aquisição da linguagem: algumas reflexões. In: BARROS, I. B. do R. *et al.* (org.). **Aquisição, desvios e práticas de linguagem**. Curitiba: Editora CRV, 2014. p. 11-26.

FONTE, R. F. L. da; CAVALCANTE, M. C. B. Abordagem multimodal da linguagem: contribuições à clínica fonoaudiológica. In: MONTENEGRO, A. C. de A.; BARROS, I. B. do R.; AZEVEDO, N. P. da S. G. de. (org.). **Fonoaudiologia e linguística: teoria e prática**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016. p. 205-225.

FONTE, R. F. L. da; CAVALCANTE, M. C. B. Gestos dêiticos e atenção conjunta nas especificidades do autismo: uma abordagem multimodal. In: ÁVILA-NÓBREGA, P. V. (org.). **Nuances da linguagem em uso**. Campina Grande: EDUEPB, 2018. p. 259-299. *E-book* (338 p.). (Coleção Linguagens em Uso, v. 1).

FONTE, R. F. L. da; BARROS, I. B. do R. Estereotípias motoras no funcionamento multimodal da linguagem: discussões no campo do autismo. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 1, p. 127-140, jan./mar. 2019. DOI: <http://doi.org/10.22481/el.v17i1.5318>. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/5318>. Acesso em: 26 ago. 2022.

FONTE, R. F. L. da; SILVA, K. V. N. da. Multimodalidade na linguagem de crianças autistas: o “não” em suas diversas manifestações. **Revista ProLíngua**, [Paraíba], v. 14, n. 2, p. 250-262, ago./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/48829/30258>. Acesso em: 26 ago. 2022.

GOLDIN-MEADOW, S. How gesture promotes learning throughout childhood. **Child Development Perspectives**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 106-111, 2009. DOI: 10.1111/j.1750-8606.2009.00088.x. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2835356/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

GOLDIN-MEADOW, S. Gesture as a window onto communicative abilities: implications for diagnosis and intervention. **Perspectives on Language Learning and Education**, [s. l.], v. 22, n. 2, p. 50-60, 2015. DOI: 10.1044/lle22.2.50. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4564136/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

IVERSON, J. M.; GOLDIN-MEADOW, S. Gesture paves the way for language development. **Psychological Science**, [s. l.], v. 16, n. 5, p. 367-371, 2005.

KANNER, L. Autistic disturbances of affective contact. **Nervous Child**, [s. l.], v. 2, p. 217-250, 1943.

KENDON, A. Gesticulation and speech: two aspects of the process of utterance. In: KEY, M. R. (ed.). **The relationship of verbal and nonverbal communication**. The Hague: Mouton, 1980. p. 207-227.

KENDON, A. How gestures can become like words. In: POYATOS, F. (ed.). **Cross-cultural perspectives in nonverbal communication**. Toronto: C. J. Hogrefe, 1988. p. 131-141.

KENDON, A. Language and gesture: unity or duality? In: MCNEILL, D. (ed.). **Language and gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 47-63. Disponível em: <https://xyuan.myweb.cs.uwindsor.ca/references/LanguageGesture00.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2022.

KENDON, A. **Gesture**: visible action as utterance. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KENDON, A. Reflections on the “gesture-first” hypothesis of language origins. **Psychonomic Bulletin & Review**, [s. l.], v. 24, n. 1, p. 163-170, 2017. DOI: 10.3758/s13423-016-1117-3. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5325861/>. Acesso em: 26 ago. 2022.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal discourse**: the modes and media of contemporary communication. London: Arnold, 2001.

LEMOS, C. T. G. de. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 42, p. 41-69, jan./jun. 2002a. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v42i0.8637140>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637140>. Acesso em: 21 nov. 2022.

LEMOS, C. T. G. de. Sobre fragmentos e holófrases. In: COLÓQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 3., 2002, São Paulo. **Anais do III Colóquio do LEPSI**. São Paulo: USP, 2002b. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000032001000300005&script=sci_arttext. Acesso em: 17 nov. 2022.

MCNEILL, D. So you think gestures are nonverbal? **Psychological Review**, [Washington, DC], v. 92, n. 3, p. 350-371, 1985. DOI: 10.1037/0033-295X.92.3.350. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/229068226_So_You_Think_Gestures_are_Nonverbal. Acesso em: 29 ago. 2022.

MCNEILL, D. **Hand and mind**: what gestures reveal about thought. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

MCNEILL, D. Introduction. In: MCNEILL, D. (ed.). **Language and gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 1-10.

MCNEILL, D. Gesture and language dialectic. **Acta Linguistica Hafniensia**, [s. l.], v. 34, n. 1, p. 7-37, 2002.

MCNEILL, D. Gesture: a psycholinguistic approach. In: **The Encyclopedia of Language and Linguistics**. Elsevier, 2006. p. 1-15. Disponível em: https://mcneilllab.uchicago.edu/pdfs/gesture.a_psycholinguistic_approach.cambridge.encycl.pdf. Acesso em: 26 ago. 2022.

MONDADA, L. Challenges of multimodality: language and the body in social interaction. **Journal of Sociolinguistics**, v. 20, n. 3, p. 336-366, 2016. DOI: https://doi.org/10.1111/josl.1_12177. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/josl.1_12177. Acesso em: 18 nov. 2022.

RIBEIRO, A. E. **Textos multimodais**: leitura e produção. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ROWE, M. L.; GOLDIN-MEADON, S. Early gesture selectively predicts later

language learning. **Developmental Science**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 182–187, 2009. DOI: 10.1111/j.1467-7687.2008.00764.x. Disponível em: [ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2677374/pdf/nihms89526.pdf](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2677374/pdf/nihms89526.pdf). Acesso em: 29 ago. 2022.

SCARPA, E. M. O lugar da holófrase nos estudos de aquisição da linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 51, n. 2, p. 187–200, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637211/4933>. Acesso em: 28 ago. 2022.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. Tradução de Claudia Berliner. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.